

RONDÓ DE CASTRO ALVES EM AUTORES MODERNISTAS

Maria do Carmo Lanna Figueiredo*

RESUMO

A presente comunicação pretende agrupar três leituras do poeta Castro Alves, feitas por Mário de Andrade (1939), Jorge Amado (1941) e Affonso Romano de Sant'Anna (1984), com o objetivo de avaliar o espaço ocupado pelo autor na tradição literária brasileira.

A presente comunicação pretende agrupar três leituras da obra de Castro Alves, feitas por escritores brasileiros. O agrupamento visa destacar nelas a aprovação que o poeta merece de seus pares, em diversas fases do modernismo. Mário de Andrade (1939), Jorge Amado (1941) e Affonso Romano de Sant'Anna (1984) referem-se com orgulho ao poeta romântico, permitindo que esta leitora, por ocasião da comemoração do sesquicentenário do escritor, consiga relacionar tal frequência àquela repetição que se pode observar no *rondó*.

Rondó ou *Rondel*, canção curta cujo primeiro ou primeiros versos se repetem no meio e no fim da letra, designa uma composição poética francesa que desfrutou de forte apelo nas formas do lirismo galego-português. No século XVII, passa a ter três variantes: o *rondó curto*, constituído de três estâncias e quinze versos; o *rondó dobrado*, contendo uma quadra de introdução, quatro quadras de desenvolvimento e uma de finda – seis quadras sobre apenas duas rimas – também conhecido como a versão francesa do *mote e glosa*; o *rondó de treze versos*, trabalhado sobre duas rimas e em que se repetiam, à maneira de cola do oitavo e último versos, a primeira ou primeiras palavras do poema, com sentido novo, se fosse possível. No século XVIII, na sua primeira e terceira formas, o *rondó* foi adaptado à língua portuguesa por Silva Alvarenga (cf. Prado Coelho, J.; Soares Amora, A.; Guerra Da Cal, E., 1969, p. 968).

E o que teria a ver essa poesia de forma fixa, hoje em desuso, com três escritores modernistas, obviamente expressando-se com grande liberdade em sua obra, em quase tudo contrários, pois, ao *rondó*?

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Talvez só mesmo Castro Alves possa explicar a metáfora com que os agrupei, qual em camisa de força, para formar com o poeta romântico um *rondó de treze versos*, ou seja, o trabalho sobre duas rimas, no caso, dois temas, que se repetem com sentido novo, em cada leitura, se possível. Os dois temas ou duas rimas a se repetirem não serão dados por mim, mas por Castro Alves: o do amor e o do compromisso social.

Para Mário de Andrade, “(...) como preocupação social, Castro Alves é por certo um dos nossos poetas de que mais nos podemos orgulhar” (Andrade, 1939, p. 115). Apesar de aprovação tão explícita a esta faceta do poeta baiano, o articulista deixa sugerida a idéia de que os melhores críticos refinadamente preferem “o poeta amoroso ao social” em Castro Alves. A preferência estaria ligada à constatação de que a sua poesia social provoca certa insatisfação no leitor. Assinala como possíveis causas dessa insatisfação “a oratória demagógica e grandiloqüente”, “a palavra luz e escultura”. O escritor paulista conclui que a desvalorização da qualidade musical e sugestiva da palavra, pelo abandono do assunto geral, em proveito do tema particular, são características que desabonam a poesia do baiano.

Mas como ele mesmo declara, logo ao iniciar o artigo em que se propõe para estudo – Castro Alves –, move-o “não o propósito de distribuir justiça, (...) mas o esforço apaixonado de amar e compreender.” E assim sendo, acredito eu, termina por aceitar que Castro Alves, por suas qualidades e defeitos, seja um dos valores literários mais contraditórios do Brasil.

Na perspectiva crítica atual, no entanto, mais contraditória que as qualidades e defeitos da poesia de Castro Alves parece ser a leitura que Mário de Andrade faz dela. De caráter bastante impressionista, cobra do poeta maior cuidado e trabalho com a musicalidade da linguagem, ao mesmo tempo que lhe elogia a capacidade descritiva, de escolher a palavra exata, de lidar com os temas escolhidos de forma objetiva e clara. Tais atributos, que o fazem elogiar Castro Alves como aquele vate sincero que se faz cantor “incomparável” das doutrinas que adota (a adjetivação é do articulista), tornam-se os mesmos lembrados para considerá-lo “(...) uma extensão artística da classe dominante (...)” (Andrade, 1939, p. 111)

Contrariando “os melhores críticos” a que se referia Mário de Andrade, e discordando fortemente da opinião deste, Jorge Amado vê no poeta “o mais belo espetáculo de juventude e de gênio que os céus da América presenciaram (...) figura que projeta sombra cada vez maior sobre os que escrevem e sentem no Brasil.” Incluindo-se entre esses escritores, Jorge Amado declara que fizera o **ABC de Castro Alves** para “fixar a passagem do maior poeta do Brasil”. (Amado, 1967, p. 17-19)

Considerando-se que a data de publicação dos dois livros é bastante próxima, 1939 e 1941, respectivamente, pode-se perceber que a distância que separa as duas leituras acha-se vinculada mais a seu contexto cultural e espacial do que ao temporal. Apenas dois anos de diferença não seriam suficientes para explicar que o poeta canse a um leitor e sirva de modelo e de inspiração para outro. Explica-se me-

lhor a diferente valoração da poesia em pauta a percepção de que os dois leitores correspondem a dois diferentes horizontes de expectativa, no sentido de Jauss (1994). Horizontes estes que dizem respeito a duas linhas bem demarcadas da tradição literária brasileira: a da elaboração textual e a da preocupação social.

Para Amado, Mário de Andrade manifesta verdadeira aversão por Castro Alves, justamente por ser este um poeta social (cf. Amado, Jorge, 1967, p. 73). O julgamento do escritor paulista desagrada fortemente o romancista baiano, para quem “o verbo de Castro Alves diz, pela primeira vez, debaixo dos trópicos, uma nação ...” (Amado, 1967, p. 104). Por este motivo, acha-se ligado a ele, àquele que usa as palavras como “armas do povo.”

No primeiro capítulo do livro **Canibalismo amoroso** (1984), intitulado “A mulher de cor e o canibalismo erótico na sociedade escravocrata”, Affonso Romano de Sant’Anna considera que, com Castro Alves, modifica-se a poesia romântica brasileira e a denúncia social se manifesta por meio da expressão sexual. Em oposição a Mário de Andrade que nota como Castro Alves “se conservou psicologicamente e intelectualmente a igual distância da aristocracia e do povo.” (Andrade, op., cit.: 111), em sua análise de **A cachoeira de Paulo Afonso**, destaca a intenção do texto poético de narrar como o sistema escravocrata desestrutura o sentido de família do escravo, impossibilitando-lhe o mínimo de organização social e psicológica. A análise leva à conclusão de que o poeta dá sentido social ao que seria um conflito pessoal. Também nesse aspecto contrapõe-se à opinião de Mário de Andrade que destaca a restrição do assunto – elemento geral – em favor do tema, no que se refere à abordagem do social, feita por Castro Alves. (cf. Andrade, 1939, p. 123)

A opção pelo longo poema dramático para objeto de análise fala da perspectiva que o poeta mineiro dará à sua leitura de Castro Alves. Construído em trinta e três poemas de título e métrica variados, **A cachoeira de Paulo Afonso** conta a estória de Lucas e Maria, para quem a tragédia amorosa amplia-se em tragédia racial e social. Com efeito, o desenrolar da estória do casal de escravos remonta ao fato de a dominação econômica e social conjugar-se com a violência erótica. Como o fazendeiro apossa-se da mãe de Lucas, o filho deste – meio irmão de Lucas – apossa-se de sua noiva, Maria. Amparando-se em Expilly e Gorender, para quem a expoliação do corpo escravo acha-se sempre ligada ao sexo (cf. Expilly, 1968, p. 296 e Gorender, 1968, p. 341), Affonso Romano de Sant’Anna destaca a posição do poeta que não elogia a sedução, e sim, condena o poder falocrático dos brancos, a revoltante face do “canibalismo amoroso”. Desvia-se, pois, da prática social e retórica comum aos românticos “(...) que dramatiza(m) o jogo entre a *mulher esposável* (branca) e a *mulher comível* (preta), recriando as regras da endogamia e da exogenia erótica-social-econômica”. (Sant’Anna, 1984, p. 19)

A este respeito, a opinião de Affonso Romano de Sant’Anna é compartilhada por Jorge Amado, quando destaca que o negro preferido do poeta é aquele que se levanta contra o seu senhor, o que deseja vingança. O escritor usa como epígrafe,

para o capítulo da letra J de seu **ABC**, os seguintes versos de Castro Alves:

*Quem és tu, poeta, a lâmpada da orgia
Ou a estrela de luz, que os povos guia
A nova redenção?*

Aproveitando a pergunta que o poeta dirige a seus pares e, por extensão, a qualquer escritor, Jorge Amado responde com entusiasmo ao autor dos versos, particularizando sua designação e chamando-o de poeta da Abolição, da República e enternecido poeta do Amor. (cf. Amado, 1967, p. 133)

Da preferência pela temática amorosa à admiração pelo poeta dos escravos e à conjunção das duas como interpretação do universo poético e expressivo do escritor, selecionei três leituras, três perspectivas, três avaliações, a que gostaria de chamar três rondós de Castro Alves. Em todas elas, com efeito, a poesia de Castro Alves define-se como motivo de orgulho, mesmo para aqueles que se declaram contrários à sua forma de expressão. Admiração e respeito, entusiasmo, seguimento de suas trilhas, o enfoque do lirismo erótico e social acompanha a reflexão que três escritores da moderna literatura brasileira teceram sobre o vate condoreiro. Não será por coincidência que os mesmos três escritores têm sua obra fortemente direcionada à preocupação social que, na maioria das vezes, reveste-se do aproveitamento da vertente popular.

Como se pode acompanhar, com sentido novo, foi possível repetir as temáticas mais destacadas da poesia de Castro Alves. Espero que também me tenha sido possível com elas compor-lhe um rondó, com três escritores modernistas. Na comemoração do sesquicentenário do poeta, a lembrança de que ele foi importante marco na obra de autores tão representativos, seja no campo da poesia, da ficção e da crítica brasileiras, deixa ressaltar que a liderança que exerceu em sua época entre os poetas baianos continua, sob outra roupagem, a se manifestar contemporaneamente.

ABSTRACT

This paper aims to group three different analysis on Castro Alves' poetry, written by Mário de Andrade (1939); Jorge Amado (1941) and Affonso Romano de Sant'Ánna (1984), in the attempt of marking out the space occupied by the author in Brazilian literary tradition.

Referências bibliográficas

- ALVES, Antônio de Castro. **Poesias completas**. 2. ed., São Paulo: Saraiva, 1960.
- AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. 12. ed., São Paulo: Martins, 1967.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1939. Castro Alves.
- COELHO, Jacinto Prado, AMORA, Antonio Soares, CAL, Ernesto Guerra da (Dir.). **Dicionário de literatura**; literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969. 2v.
- GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1968.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Castro Alves e a denúncia do social através do sexual.